

Redacção e Administração
R. Gravador Molarinho, 45
GUIMARÃES

ORGÃO MONARQUICO

Director, Propriet. e Editor
João Pereira da Costa

Comp. e Impr. Tip. Luzitania
R. Gravador Molarinho
GUIMARÃES

A EXTORSÃO

Os governos da republica tem tomado algumas medidas violentas e iníquas no intuito de aumentar o rendimento dos impostos.

É para justificar essas medidas o principal argumento que tem empregado, é que sam medidas de salvação publica. A administração dos republicanos tem sido tam desastrada, tam imoral que levou a nação a este estado de ruina em que agora se encontra.

De plano confessamos que já agora não é possível a salvação sem o emprego de medidas extraordinarias. Mas para lançar mão dessas medidas e para as justificar não basta dizer que as exige a salvação publica. E' convicção nossa que todos os portuguezes estam dispostos a fazer os maiores sacrificios para levantar a nação do ruinoso estado a que a loucura, a ineptia e a immoralidade da politica republicana a arrastaram.

E' necessario, porem, que essa politica não seja contumaz nos seus erros. A pretexto de salvação publica a nação não pode tolerar que se adotem medidas de salvação republicana. Para salvar a nação todos os portuguezes de boa mente se sacrificam com prejuizo mesmo dos seus interesses particulares; mas é uma provocação insolente exigir-lhes sacrificios para continuar a desafortada orgia republicana.

Todo o imposto que não seja proporcional e destinado a um fim bom, é uma iniquidade e uma extorsão. Ora a redução dos juros do emprestimo interno, de 6/5 e da divida externa do 3% está nestas condições.

Exige-se aos portadores dos titulos dum e doutro um sacrificio que não se impõe aos seus concidadãos que podem ser mais ricos, embora não possuam nenhum titulo do emprestimo interno, nem da divida externa. Ora isto não é justo. Uma das condições dos impostos para que sejam toleraveis, é a proporcionalidade segundo os rendimentos dos contribuintes. Outra condição do imposto é que seja destinado a um bom fim.

Ora o governo ainda não fez nem cura de fazer a indispensavel redução nas despesas publicas. Estando a braços com uma grande erise financeira, que põe em risco o futuro da nação, é dever rigoroso do governo reduzir as despesas do estado ao estritamente indispensavel. Pois até agora ainda o não fez nem dá indícios de que o faça.

E nestas condições, com que direito vem pedir a algu is contribuintes, novos e grandes sacrificios?

Os empregos inuteis, as sinecuras rendosas, os esbanjamentos escandalosos continuam, porque os amigos da republica esfriam na sua dedicação, se não comerem á medida do desejo. E o pobre contribuinte ha-de ser esfolado para que a bambochata republicana não sofra desmancho! Os proprios republicanos reconhecem a necessidade de se reduzirem as despesas publicas, mas com a condição de que não sofram detrimento com essa redução os amparadores da republica.

Para eles acima da nação está o seu partido com todos os seus interesses.

Contraste

Com este titulo temos em nosso poder um artigo do nosso brilhante e apreciado colaborador snr. Antonio de Carvalho Cirne, que com muito desgosto não podemos publicar neste numero, pedindo por isso a Sua Ex.ª que nos desculpe, publicando-se no proximo numero.

Ao Sr. Comandante da Guarda

Ao digno Comandante da Guarda republicana pedimos instantemente que proiba *por todos os meios* ao seu alcance essas parodias que se vão fazendo para aí a procissões, assim como agradecemos o ordenar ás praças do seu comando que *persigam* esses jogadores de *foot-ball* que fazem de algumas ruas da cidade locais int.ansitaveis. De Sua Ex.ª esperamos emediatas providencias.

O Julgamento de terça-feira

Na terça feira, 15 do corrente, respondem os assassinos do infeliz Brandão e cá estamos nós a bradar de novo um castigo rigoroso para esses bandidos, autores dum dos mais barbaros crimes que aqui se tem cometido.

E' a nossa consciencia que nos diz o cumprimento deste dever e pouco nos incomoda que os advogados, depois, venham dizer que num prezo não se bate.

Nós não pedimos senão o cumprimento rigoroso da Lei e esta brada á nossa consciencia que cumpramos o dever de defender a sociedade de sclerados e de assassinos.

A defesa por muito inteligente que seja, por muito que queira ar, mar á popularidade e á lagrima, ha-de convencer-se que está perdendo o seu tempo, atacando, no Tribunal, a Imprensa por pedir aos Jurados um castigo rigoroso contra esses bandidos que sem motivo algum e pelo unico fim de satisfazer o seu gosto sanguinario, matam o seu semelhante com a mesma facilidade com que se bebe um copo de água.

Nada de complacencia nem de misericordia, porque acima do nosso coração devemos colocar a nossa consciencia e essa nos diz claramente que é mister castigar e castigar rigorosamente, pois qualquer benevolencia, por minima que seja, é criminosa e igualmente culposa.

O retirar do convivio da sociedade essas feras é alem de um exemplo, um alto dever que se nos impõe e que a luz da razão e da consciencia encontram o melhor éco.

Basta de cobardias e cumprase a Lei, applicando a esses sclerados a pena que corresponde á enormidade do seu crime.

O que se diz...

— Que o castanho das portadas e caixilhos de certo chalet foram provenientes de uns pranxões que serviam nas cerimoniaes da Semana Santa na nossa Colegiada...

— Que as traves de riga empregadas no mesmo chalet eram destinadas a umas obras na capela dos jesuitas...

— Que as telhas da cumiada do mesmo, pertenciam tambem á capela dos jesuitas...

— Que os azuleiros comprados por uma Camara Monarquica que se destinavam á cadeia nova, tambem ali se encontram...

— Que as dobradiças das portadas foram feitas com ferro destinado á cadeia...

— Que um cano de ligação da água da nascente para certa casa pertencia a todos nós...

— Que foram barbaramente cortadas as ramarias dos choupos da Avenida das Taipas...

— Que a lenha foi arrematada pelo proprio vereador daquele pelouro...

— Que as ruas da cidade continuam imundas...

— Que vai ser *construido* um edificio para a Camara...

— Que deve estar concluido para as *calendas grêgas*...

Avesinhas

*Nas manhãs claras, nas manhãs formosas,
Quando as rosas vem desabrochando;
As avesinhas presentindo o dia,
Em alegria, prorompem cantando!...*

*As avesinhas tem penas
E cantam p'lo dia alem!
Eu canto de noite e dia,
E tenho penas tambem ...*

*Ao canto das avesinhas
Voluteiam mariposas,
Fremem d'encanto as papoilas,
E empalidecem as rosas!*

*O canto das avesinhas
Tem em si muita beldade!...
Quem sabe se os cantos d'elas
São vislumbres de Saudade?!...*

*Nas tardes claras, nas tardes formosas,
Quando as rosas como que emurhecem,
As avesinhas perdendo a alegria
Sem ver o dia, trinando emudecem!...*

S. B.

Saude e Fraternidade!...

E' profundamente deploravel que as figuras venerandas do sr. Cardeal Patriarca e do sr. Nuncio Apostolico hajam sido sujeitas a ter em Braga uma recepção, decerto respeitosa, mas muito menos concorrida e entusiastica do que estava no veemente desejo da população da cidade e do que era devido á categoria e estremadas virtudes dessas duas altas personalidades da Igreja.

Foi o caso que o sr. Arcebispo Primaz, dirigindo convites ás pessoas gradas da cidade para comparecerem na gare á chegada do sr. Cardeal Legado e do sr. Nuncio, teve a infelicissima idea de os rematar pela formula revolucionaria — *Saude e Fraternidade!*...

No tempo da Monarquia, terminava a correspondencia official com as palavras *Deus guarde a V. Ex.ª*. A Republica, por acinte e para frisar o seu espirito maçónico, não se contentou em suprimir aquelle fecho, mas substituiu o pela expressão *Saude e Fraternidade* — tradução macanja do *Salut et Fraternité* da Revolução Francesa, de tão sombria memoria para a religião catolica.

Mas que tem a Igreja que vêr com o formulario official do Estado republicano e *separado*, para que um Arcebispo adopte, na sua correspondencia, a expressão de tão subversiva origem, com que o actual regime veio proscriver o tradicional *Deus guarde a V. Ex.ª*?

Certo é que os singulares convites dirigidos naqueles termos ás principais individualidades catoli-

cas e monarchicas de Braga, maguaram profunda e justificadamente a maior parte dos destinatarios, que em geral se absteram de comparecer na gare, sem embargo da sua grande veneração pelos dois insignes visitantes da cidade.

A que absurdos excessos pode levar a desastrada politica de lição e subserviencia para com um regime, aliás, essencial e impenitentemente persaguidor da religião.

(Do nosso ilustre e querido colega «Correio da Manhã»).

A circulação fiduciaria

Uma demonstração de numeros bem concretos que ninguem pode desmentir.

Em 5 de outubro de 1910, á data da proclamação desta linda e honesta republica a circulação fiduciaria era de 70.932 contos e o valor da libra ouro era de 4\$705 reis.

Hoje, após 14 anos deste honesto regimen, a circulação fiduciaria é de QUASI DOIS MILHÕES DE CONTOS, a libra ouro vale 175\$000 reis e caminha para 200\$000 reis!!!

Bendito povo que vae dormindo o sono dos justos enquanto esta orgia republicana condnz o paiz á mais completa ruina.

Carteria

Cancioneiro

Olhos negros, olhos negros,
Olhos negros feiticieiros.
Dentre tantos, são os olhos
Mais formosos, mais gaiteiros.

Eu já vi uns olhos negros,
Mais negros que um carvão.
São os olhos mais formosos
Pra prender um coração.

ROMEU.

Aniversarios

Fazem anos na proxima semana as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

- Dia 14—Dr. Adelino Ribeiro Jorge, Paulo Lobo Machado (Paço de Nespereira).
- Dia 15—D. Cristina, Amelia da Silva Carneiro, D. Maria de Lourdes Cunha Guimarães e Antonio Pais de Almeida Campos.
- Dia 16—D. Rosa Martins Pezoto (Alvão), D. Emilia Torres, D. Alcina Carneiro e Fernando Augusto da Costa Freitas.
- Dia 17—D. Maria Amelia Pereira Leite de Magalhães e Couto.
- Dia 18—D. Maria de Lourdes Teixeira Machado Mendes e Antonio Lopes de Carvalho.
- Dia 19—Gonçalo Cristóvão de Meireles.
- 20—D. Julia Adelaide Paiva de Andrade Corte Real e D. Ana Ferreira do Nascimento.

—Com sua familia está na Povoa de Varzim o sr. Abilio Cruz.

—Na mesma praia encontra-se com sua familia o sr. Domingos Ribeiro Martins da Costa.

—Com suas irmãs está em V. N. de Saude o sr. Conego Alberto da Silva Vasconcelos.

—Com sua esposa está nesta cidade o sr. Augusto Pinto Areias.

—Com sua familia está na Figueira da Foz o sr. Alvaro Jorge Guimarães.

Casamento

Realizou-se ontem o casamento da ex.^{ma} Senhora D. Maria Arminda Caldas, gentil enteada do nosso presado amigo e valioso correligionario sr. Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, com o sr. Vicente Ribeiro Pinheiro filho do importante negociante sr. Simão Ribeiro.

Os nossos cumprimentos.

— Pelo nosso presado amigo sr. Manuel Bernardo Alves, foi, no preterito domingo, pedida em casamento para seu filho e nosso distinto colega de o «Gil Vicente» e presado amigo sr. Manuel Alves de Oliveira, a ex.^{ma} sr.^a D. Cecilia da Gloria Romano Cardoso, prendada filha do tambem nosso presado amigo sr. capitão Antonio Romano.

Aos noivos e a seus pais enviamos os nossos cumprimentos.

Colégio de Santa Luzia

Realisa-se em fins do proximo Setembro a festa de confraternização dos antigos alunos que frequentaram o extinto colégio da SS. Trindade, desta cidade.

Todos os pedidos de esclarecimentos devem ser dirigidos ao secretario da comissão sr. Eugenio da Costa Vaz Vieira, Largo da Republica do Brasil.

“Ecoss de Guimarães,”

Ex.^{mo} Sr.

N.^o 23

Imprensa

“ACÇÃO REALISTA.”

Saiu o n.^o 3 desta excelente revista que se publica em Lisboa, com o seguinte sumario:

As «Juventudes», por Caetano Beirão; Uma campanha a favor do bom senso, por Francisco Pereira Sequeira; A desnacionalização das nossas colonias, por José Osorio de Oliveira; Ecoss—O idolo de pau, por Fernando Campos; O perigo Judeu (I), pelo Visconde do Porto da Cruz, Acção Realista Portuguesa; A Acção Realista e a imprensa; 8 de Julho.

Armando Faria

Terminou o curso dos Liceus o sr. Armando de Faria, que sempre se revelou um estudante aplicado e estudioso e bem educado, motivo porque deixa o nosso Liceu sem um inimigo, tendo sido sempre muito estimado pelos seus illustres professores e colegas.

Ao inteligente academico e a seu pai o nosso amigo sr. Francisco Faria, os nossos parabens.

Adérito das Neves Saraiva

Tambem concluiu o curso dos Liceus o sr. Adérito das Neves Saraiva, filho do nosso prezado amigo sr. Acurcio das Neves Saraiva.

Aluno exemplar e estudioso conquistou em cada colega um amigo e nos seus illustres professores a estima a que o seu porte teve jus, recebendo a recompensa da sua applicação e amor ás letras, tendo sido um dos melhores classificados no seu exame da 7.^a classe.

Por tal motivo felicitamos o simpatico academico bem como seu pai o nosso dedicado correligionario sr. Neves Saraiva.

S. TORCATO

Foi muito concorrida, embora não tanto como os demais anos, a grande romaria de S. Torcato, a maior do Minho.

O programa foi fielmente cumprido. A procissão, como de costume, foi magestosa. O fogo de artifício era de um efeito belo.

O rendimento foi de 40 contos.

Nossa Senhora da Oliveira

Por resolução da Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, realizar-se há nos dias 14 e 15 do proximo Agosto, uma imponente festividade á Padroeira da cidade e a comemoração da batalha de Aljubarrota.

Como já noticiámos, os sermões foram confiados ao talentoso orador sr. dr. Leonardo de Castro.

“Horas de Sonho,”

IV

(Ao M. Guimarães)

Era a hora da crepusculo. A natureza ia-se envolvendo lentamente, com uma suavidade religiosa, no manto negro da noite.

A folhagem do arvoredo agitava-se levemente, recebendo de longas paragens suspiros de amor.

A briza suspirava brandamente pelas quebradas das serras e o Oceano quedava-se numa imobilidade crescente, fitando a lua a vaguear no espaço. Silencio na terra, silencio nas almas e silencio no céu. Tudo era orar naquella hora poética, tudo era recordar naquella languido entardecer.

A alma romântica desprendia-se da terra, para voar pelo espaço buscando inspiração.

O poeta sonhava quiméras fitando algum olhar negro e rutilante que seguia lá longe e os pobres gemiam nalguma enxerga dura, fitando Jesus.

Ao longe o som alegre dum pandeiro retiniu sonoro, indo-se perder leve e brandamente entre o som argentino duma voz trilhada que cantava uma canção mi nhota.

Era a volta do «Espírito Santo». Era o bom povo do Minho que voltava alegremente da romaria em Braga, trazendo na alma a sensação dum «Dever» cumprido e no coração um «Amor» de eloquente suavidade.

E por entre o cantar ridente daquellas trovas tam populares e simples, retiniu na solidão melodiosa daquele entardecer formoso um beijo duma paixão profunda que se perdeu arquejante nas azas volúveis do vento.

E enquanto aquele bando seguia risonho pela estrada poeirenta, minha alma elevou-se em extasi para as suaves regiões da recordação.

A tua figura pálida, o teu olhar suave e penetrante e o teu sorrir enigmático, deslizaram ante mim, fazendo com que minha alma se entregasse a recordar o passado, vendo irradiar lampejos de alegria na tua alma de amigo sincero e dedicado. Foi ao escutar o som daquella beijo ardente trocado á volta da romaria que eu deixei o meu espirito vaguear através as raras sumidades da região do amor. Foi ao pairar nessa longínqua região de beleza, de espinhos e saudade que eu vi fulgir na tua frente, o diadema da dor e do martirio.

Tentei então descrever o teu sofrer solitario, mas não consegui senão uma pequena parte do que pretendia. Mas tu que sabes retilhar a frase mais rebelde, há-de saber desculpar estas frases bem simples.

E por entre a doença que te acabrunha e martirisa, eu vejo-te sorrir tristemente, dizendo lá contigo:

— A mocidade, a romaria. Duas palavras que inebriam a alma cheia de vigor e de saude e que martirizam a alma doente e taciturna.

E estas palavras irão como um eco saudoso perder-se no azul do Infinito, enquanto duas lagrimas rolarão silenciosas pelas tuas faces pálidas.

ELISIO GONÇALVES,

DE LUTO

Encontra-se de lucto pelo falecimento de uma sua cunhada o nosso assinante sr. Domingos José Pires, a quem por tal motivo apresentamos os nossos sentimentos.

Como pôde cada qual faser o sabão em sua casa.

Para se subtrairem ao exagerado preço corrente do sabão, algumas casas de caridade de Guimarães fabricam este produto, necessario ao seu consumo e como a receita seguida é a que abaixo transcrevemos, julgamos da maior vantagem apresenta-la ao publico, afim de que as senhoras donas de casa se possam utilizar dela.

«De duas maneiras se pode fazer o sabão—a frio e a quente. O primeiro método emprega-se para o sabão fino: o segundo serve para o sabão barato ordinário.

Preparação a frio. Em 4 litros de água, dissolvem-se 350 gramas de soda cáustica formando assim uma lixivia. Nesta deitam-se dois litros de azeite, e com uma espátula ou colher de madeira bate-se tudo durante duas horas, sempre para o mesmo lado. Passado hora e meia, começa tudo a tomar corpo; meia hora depois, está já sólido tendo desaparecido a lixivia. Seguidamente deita-se nas formas (na falta de forma propria um taboleiro serve), onde se conserva 36 horas até endurecer. Depois, corta-se em barras ou em cubos, conforme se quiser. Para enxugar, não se deve pôr ao sol nem ao lume, mas sim num lugar bem arrejado. Em tempo húmido, de inverno, não leva menos de um a dois mezes. Antes de enxuto e bem duro, não se deve empregar; de outra sorte desfaz-se na água maior quantidade do que é mister.

Querendo fazer sabonetes, enquanto se prepara a massa deita-se-lhe a substancia corante, e aromatiza-se com uma essencia agradável.

Preparação a quente. A forma mais economica é a seguinte:

Água	10 litros
Soda Caustica	750 gramas
Sebo	4 kilos
Azeite	1 litro
Colofonia (ou mesmo resina de pinheiro)	750 gramas

Dissolve-se a soda na água fria e coase por um pano, tendo todo o cuidado de lhe não tocar com as mãos, para se não magoarem. Junta-se-lhe a colofonia em pó (se o não estiver, pisa-se), a qual se dissolve facilmente. Numa vasilha á parte, derrete-se o sebo, coa-se e deita-se-lhe o azeite. Esta mistura vai-se lançando na lixivia que já tem a colofonia e deve estar quente (sem ferver), ao mesmo tempo que se vai mexendo, sempre para o mesmo lado; depois aumenta-se o fogo até levantar fervura. Nesta altura há-de haver grande tento em que a panela não arrebite ou espume, saindo o liquido para fora com o demasiado calor. Continua-se sempre a mexer para o mesmo lado com uma colher ou espátula de madeira, sem nunca parar, até a massa estar cosida, o que se dá hora e meia a duas horas depois de começar.

Como se conhece que está cosida? — Facilmente. Quando o liquido, levantado na colher, cai, em fio como o açúcar em ponto de cabelo é sinal de estar quasi pronto. Ponco depois, tire-se de novo um pouco de liquido e deite-se numa pedra; se, no espaço duns dois minutos, se solidificar, está cosido. Para-se logo a fervura, e conserve-se o liquido na caldeira ainda uma ou duas horas. Em seguida, deita-se nas formas ou num taboleiro onde se solidifica e endurece em 36 horas. Corta-se em barras e enxuga-se á sombra, em lugar ventilado.

A forma indicada é a mais economica, por se diminuir nela o azeite que hoje está carissimo. Em absoluto, poderia suprimir-se totalmente o azeite, mas o sabão conservaria algum cheiro a sebo e não se poderia empregar na lavagem da roupa, senão antes da barreira.

O melhor sabão seria o em que se empregassem partes iguais de sebo e azeite. Este pode ser substituído por um oleo vegetal—azeite de palma ou de dendê, oleo de côco, de ricino etc. Mas estes oleos estão actualmente mais caros do que o proprio azeite.

Quando se mexe a lixivia é indispensavel mover a colher sempre no mesmo sentido, que de outra sorte estraga-se tudo. A colher deve ir até ao fundo da panela onde gira e por isso a vasilha não há-de ter remendos.

Convem que estejam duas pessoas para, quando uma estiver cansada, a outra a substituir no trabalho de agitar o liquido. Para aromatizar o sabão ordinário aconselho que se deite na lixivia uma pouca de água em que se tenha cosido flor de tilia, cujo perfume passa para o sabão.

DIONEL.

Operação

Para o Porto seguiu o nosso bom amigo sr. Claudino Pinto da Costa, de Serzedelo, afim de ser internado na Ordem da Trindade, para ser operado.

DESASTRE

No dia 7 de tarde, desabou no largo do retiro, a varanda do prédio habitado pelo honrado serralleiro sr. Simão da Silva (bicho), causando morte immediata a sua esposa, sr.^a Ambolina, que na referida varanda se encontrava a estender roupa.

O caso contristou os que dele tiveram conhecimento.

O sr. Simão da Silva em sufragio da alma de sua esposa, entregou 20\$00 a cada uma das seguintes casas:

Officina de S. Jesé—Azilo do Campo da Feira—Azilo de Santa Estefadia e Azilo de S. Paio.

A' familia da desventurada Ambolina os nossos sentimentos.

Misericórdia de Guimarães

DONATIVOS EM GENEROS E ARTIGOS NO ANO DE 1924.

Do Ex.^{mo} Sr. José Pereira de Lima, uma peça de pano branco. Do Ex.^{mo} Sr. Antonio Leite de Castro, 12 pares de colouras, para os asilados de S. Paio.

Da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, 64 toalhas de rosto, 26 guardanapos de mesa, 2 cobertas 2 lençois de banho, 4 toalhas pequenas e uma peça de pano branco para lençois.

Do Ex.^{mo} Sr. Administrador do Cencelho de Guimarães, 91 quilos de batatas para o Hospital e 75 quilos para o asilo de S. Paio.

Do Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Serafim Antunes Rodrigues, 13 alqueires de milho, para o Asilo de Donim.

Do Ex.^{mo} Sr. Luiz Cardoso de Macedo Martins de Menezes, 20 alqueires de milho e 20 de centeio.

Da Ex.^{ma} Sr.^a D. Delfina Emilia Carneiro Martins, 4 alqueires de milho e 2 almudes de vinho.

De uma anonima, 15 quilos de arroz e um cesto de laranjas.

Da Ex.^{ma} Sr.^a D. Luisa Cardoso de Macedo Martins do Menezes, 20 alqueires de milho.

Da Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelaide Ribeiro Martins da Costa, meia pipa de vinho, vinte alqueires de milho, 1 alqueire de feijão e um alqueire de castanhas.

Da Ex.^{ma} Esposa do Sr. Mesario Antonio F. de Melo Guimarães, 2 pescadas e 2 peixes grandes.

Do Ex.^{mo} Sr. Antonio Leite de Castro, 20 duplos decalitros de milho.

Da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Emilia de Castro Sampaio, um almude de vinho e 4 broas de pão.

Da Ex.^{ma} Sr.^a Baronesa de Pombeiro, 2 duplos decalitros de milho.

Do Ex.^{mo} Sr. Antonio José Pereira de Lima, 8 alqueires de milho, 2 alqueires de feijão e meia pipa de vinho.

Da Ex.^{ma} Sr.^a D. Emilia Martins de Sequeira Braga; Do Ex.^{mo} Sr. Domingos Ribeiro Martins da Costa e do Ex.^{mo} Sr. Francisco Martins da Costa, 30 alqueires de centeio.

Alem destes donativos outros houve que não precisavam de lista nenhuma, porque quem os fez assim o desejava.

Em seguida serão publicadas as listas dos benfeitores e donativos do ano de 1923 e do primeiro semestre de 1924.

DECLARAÇÃO

Por não se haver desistido de um pleito judicial que pende no Brazil, como foi combinado, declaro para os devidos efeitos, que desisto de pertencer á mesa administrativa da irmandade do Cordão e Chagas de S. Francisco, desta cidade.

Guimarães, 1 de Julho de 1924

José Gonçalves Machado.